

GLOBALIZAÇÃO: TENSÕES E LIMITES

José Luiz A. Brunetti¹

1. INTRODUÇÃO

A nova ordem é, concomitantemente, global e fraturada, ou seja, nela coexistem processos de globalização² e crescentes divisões entre países e os grupos sociais que os constituem (Sagasti & Arévalo, 1992). Nesta ordem - onde a hegemonia internacional é diluída³ - o Estado-Nação vem perdendo capacidade para controlar fluxos internacionais de capitais, de mercadorias e tecnologias e, inclusive, para impor-se frente às pressões internas⁴, ou melhor, o Estado-Nação "está deixando de ser o ponto focal para o exercício do poder e de tomada de decisões" (Sagasti & Arévalo, 1992: 1.102).

1 Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUCCAMP). Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutorando na AIPSA/UNICAMP.

2 Processos de globalização financeira, comercial, política, tecnológica, cultural e ambiental.

3 Transição de um mundo bipolar, marcado pela "guerra fria" entre os Estados Unidos e a União Soviética - para uma "hegemonia diluída" onde a supremacia econômica americana é contestada pela Europa e pelo Japão.

4 Inclusive pressões separatistas e desagregadoras.

A globalização é impulsionada por grandes transformações econômicas e sociais⁵ vivenciadas nos últimos decênios. Apesar de impulsionarem a globalização, tais processos impõem limites e fraturam a nova ordem de maneira tal que esta assemelha-se a uma certa desordem e assume aspectos de transitoriedade. O processo de homogeneização cria tensões⁶ e heterogeneidade, ou seja, "o acelerado processo de vinculação social em escala mundial coexiste com movimentos em direções opostas que acentuam diferenças e criam divisões, daí o surgimento de uma ordem global fraturada: é global, mas não integrada" (Sagasti & Arévalo, 1992: 1.103).

Presencia-se uma tendência nítida em direção aos mercados mundiais e à estruturação de redes inter-empresariais, ou seja, existem mercados financeiros e de bens que abarcam o mundo inteiro. Em reforço desta tendência à mundialização dos mercados, está surgindo o mercado mundial de trabalho: porém, "quando se fala de mercados e da economia não se alude a todos os países, mas às nações da OCDE e do Sudeste Asiático" (Emmerij, 1992:902).

A expansão das empresas transnacionais⁷ está sendo substituída por acordos e alianças para construir redes inter-empresariais. Estas caracterizam-se por privilegiar mais o domínio sobre ativos estratégicos - sob o ponto de vista tecnológico - do que o controle sobre

5 As mais importantes: a "terceira" revolução industrial, a globalização dos mercados financeiros, as transformações no comércio internacional e a homogeneização cultural vinculada à expansão massiva dos meios de comunicação.

6 Por exemplo, a tensão entre o processo de homogeneização cultural e a afirmação da identidade, conflito este que desemboca - e muitas vezes - em movimentos de intolerância religiosa, étnica ou nacionalista.

7 Protecionismo estruturado sobre os princípios do "comércio administrado" e de "reciprocidade" contrastando com os princípios tradicionais do GATT de "não - discriminação" e da "transparência".

produtos específicos. Esta nova estratégia está diluindo as fronteiras entre as indústrias e setores, na medida em que "se amplia a componente do serviço entre muitas atividades de fabricação" (Emmerij, 1992:902). Esta tendência observada vem transformando o escopo da competição internacional de mercados nacionais muito segmentados para níveis de competitividade mais amplos.

2. O PAPEL CENTRAL DAS NOVAS TECNOLOGIAS

O impulso das empresas para o mercado global é viabilizada e reforçada pela natureza das novas tecnologias. Estas permitem maior flexibilidade nos processos produtivos e possibilitam a adaptação dos produtos aos diferentes mercados regionais e locais; simultaneamente, as empresas portadoras da nova tecnologia precisam amortizar seus custos - da nova base tecnológica - e, portanto, dimensionam as vendas em escala mundial, levando-as a pressionar o mercado mundial e a globalização de suas atividades (Emmerij, 1992).

As novas tecnologias flexíveis impulsionaram a globalização dos mercados, porém, esta gera tensões e reações expressas na tendência da formação de blocos econômicos regionais, originando um ambiente de globalização com regionalização. Esta regionalização pode representar um avanço em direção à integração econômica mundial, mas também, pode expressar um movimento defensivo - de empresas e países - frente à competição internacional⁸.

⁸ Estas empresas competiam no mercado internacional através da criação ou aquisição de filiais no exterior

A formação de blocos regionais vem espelhando a "hegemonia diluída" vigente neste final de século, quando parece perfilar-se uma coalização de interesses como árbitro do sistema e não só num país dominante (Furtado, 1990). Refletindo a emergência desta "hegemonia compartilhada" tem-se verificado nos últimos dez anos a "criação de blocos comerciais regionais liderados por potências mundiais - Alemanha na Europa, Japão no Pacífico e Estados Unidos na América" (Gaytán, 1992:1.170).

Na origem desta corrida à formação de blocos regionais encontrava-se a ofensiva do Japão, que, após dominar as novas tecnologias - geradas, em sua maior parte, nos Estados Unidos -, disparou uma estratégia comercial para conquistar os mercados americano e europeu de produtos eletrônicos e da indústria automobilística. O novo padrão tecnológico, o seu caráter flexível, foi decisivo na estratégia japonesa, pois permitiu adaptar os produtos japoneses às especificidades das demandas locais, através de produtos diferenciados (Velloso, 1990).

Em reação à ofensiva japonesa, houve um revigoramento do protecionismo europeu e americano⁹ e "começaram a desenvolver-se os grandes mercados comuns, característicos do mundo multipolarizado, que pode suceder à hegemonia americana...; enquanto isso, a estratégia de unificação da Comunidade Européia preocupa-se em evitar que os beneficiários da ampliação de seu mercado sejam as multinacionais americanas e japonesas" (Velloso, 1990:26).

9 Há dois tipos de regionalização: a ofensiva e a defensiva. A ofensiva tende à globalização enquanto a defensiva objetiva proteger-se da concorrência internacional. Mesmo a regionalização defensiva implica na ampliação dos mercados nacionais.

A difusão da nova base tecnológica está na raiz da tendência à globalização com regionalização, seja esta ofensiva ou defensiva. A globalização avança pela formação das redes inter-empresariais; porém, este movimento encontra resistências e gera tensões que o "fraturam" e impedem a integração mundial. Ao contrário da integração, a tendência à globalização vem fortalecendo a criação de blocos regionais¹⁰ que "traz consigo um elemento de reorientação de comércio e investimentos em favor dos países industrializados ... e contra os países que estão fora de tais mercados comuns" (Velloso, 1990:27).

3. EFEITOS NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

As novas tecnologias têm impulsionado a globalização ao introduzirem mudanças significativas nos métodos produtivos, que são a base da nova concorrência internacional do trabalho, a nova base tecnológica redefine as vantagens comparativas ao mudar "as relações intra-setoriais e diminuir a importância relativa dos setores primário e industrial frente ao de serviços"(Gaytán,1992:1.170). Esta mudança não significa que a produção industrial está perdendo importância em favor do setor de serviços, mas que a produção industrial está se distanciando dos processos e produtos intensivos em matérias-primas (Drucker,1986).

Há claras evidências sobre a perda de participação das matérias-primas no produto total. Os novos métodos de produção exigem

10 Os blocos regionais com mais êxito são os da Europa-92, o NAFTA e os Flying Wild Gease do Este e Sudeste da Ásia.

menos matéria-prima por unidade de produto, daí a perda de posição relativa dos produtos siderúrgicos, cobre, alumínio e outras matérias-primas no produto¹¹. Durante o século XX, o consumo de matéria-prima por unidade de produto, caiu em torno de 1% ao ano - à exceção dos períodos de guerra -, requerendo-se hoje 40% da matéria-prima utilizada no início do século (Drucker, 1987). No Japão, o consumo de matéria-prima, em 1984, foi equivalente a 60% do consumido em 1973 (IBAFIN, 1989).

4. EFEITOS NA COMPOSIÇÃO INDUSTRIAL E NA FORÇA DE TRABALHO

Em contraposição ao declínio relativo no uso de matérias-primas, o setor de serviços vem abarcando um número maior de segmentos e setores além de utilizar crescentemente mão-de-obra qualificada, ou seja, as indústrias intensivas em trabalho e matéria-prima vem cedendo espaço para as indústrias intensivas em conhecimento¹². Não é a economia que está se “desindustrializando”, mas é a força de trabalho que está sendo “desindustrializada” (Ducker, 1987). Os trabalhadores do conhecimento passam a ser o centro gravitacional da força de trabalho em lugar do trabalhador tradicional¹³.

11 Além da redução de matérias-primas, estão surgindo novos materiais a exemplo da cerâmica e plásticos na indústria automobilística, semicondutores para microeletrônica e informática, fibras óticas na fotoeletrônica e supercondutores na transmissão e armazenamento de energia (Drucker, 1986).

12 Indústrias intensivas em trabalho e matéria-prima - a exemplo da siderurgia e automobilística - estão cedendo espaço às intensivas em conhecimento, tais como telecomunicações, farmacêutica e atividades baseadas no manejo de informações.

13 E, simultaneamente, o comércio internacional de serviços passa a crescer mais rapidamente que o de mercadorias.

A industrialização continua “sendo o caminho obrigatório para lograr o crescimento econômico sustentado. O que mudou foi que a indústria dos países desenvolvidos transitou de um padrão caracterizado pela energia barata, um sistema rígido e escalas massivas de produção, para outro padrão baseado em menor consumo de energia, baixo custo de processamento, transmissões de informações e robotização, que propiciou estruturas produtivas mais flexíveis e de menor escala” (Tótoro Nieto & Cortés, 1991:230). Sob o novo padrão, o valor da transformação industrial tende a incorporar relativamente mais informação que valores energéticos e de materiais.

O padrão de industrialização - que até aos anos 70 obedeceu à liderança dos complexos metal-mecânico e químico - está se modificando. O novo padrão é condicionado pelas novas tecnologias nucleadas pela tecnologia da informação - simbólica e de imagens. Além de criar novos setores de ponta, as novas tecnologias têm sido utilizadas para processar uma vasta reconversão industrial que atinge não só os setores industriais modernos, mas também os tradicionais (Velloso, 1990).

A liderança deste processo de modernização é da informática, que é a tecnologia de ponta. Mediante “equipamentos programáveis e de controle superam-se à rigidez das plantas tradicionais. Isto tem permitido mudar a produção em massa pela produção em lotes e redefinir a questão da escala produtiva¹⁴. A flexibilidade dos processos viabiliza fabricar uma ampla gama de produtos diferentes, com mudanças de modelo” (Tótoro Nieto & Cortés, 1991:230).

14 O padrão tecnológico anterior é o originário da revolução do “fordismo” no início do século, onde o princípio reitor foi o de produzir em grande escala um produto padronizado (automóvel, por exemplo).

A afirmação deste novo paradigma tecno-econômico, baseado na informática, "altera os padrões das vantagens comparativas internacionais em prejuízo das indústrias intensivas em mão-de-obra e em favor das intensivas em conhecimentos. As novas tecnologias permitem importantes poupanças de matérias-primas e de energia nos processos produtivos e asseguram uma melhor qualidade a um custo menor" (Sagasti & Arévalo, 1992:1.109).

O novo padrão tecnológico flexibiliza e integra as atividades industriais, pois não se restringe à produção em massa, como era característica da automação no padrão anterior¹⁵. Apesar de flexibilizar os processos de produção em massa - e transformá-los em processos de produção de grandes lotes diferenciados -, o maior potencial do novo padrão tecnológico reside nas tradicionais atividades de produção em pequenos e médios lotes (Velloso, 1990). Mesmo nos Estados Unidos, 75% dos itens manufaturados são produzidos em lotes de 50 a 100 unidades (ONU, 1986).

No padrão anterior, o papel da automação era o de intensificar e aprofundar o uso de maquinária em relação à mão-de-obra nos processos de fabricação, ou seja, a automação visava reduzir por excelência o uso e custo da mão-de-obra. Sob o novo paradigma, o escopo da automação se amplia dramaticamente ao buscar reduzir - e otimizar - todos os itens de custos, inclusive o tempo. Esta característica, a de otimizar todo o screening de custos - abriu a possibilidade de aumentar a produtividade a partir de novas tecnologias de organização social e gestão da produção, ou seja, não exclusivamente pelo aprofundamento da automação (Tauille, 1990).

15 Que, objetivando a eliminação da perda de tempo e de materiais, visam atingir altos índices de qualidade, baixos índices de defeitos etc...

O novo padrão tecnoeconômico implica num novo modelo administrativo de máxima flexibilidade, estoque mínimo, defeito zero, produção em lotes, entrega no justo tempo - nucleado pela qualificação, flexibilidade e motivação da força de trabalho. A difusão das tecnologias da informação - baseadas nos avanços da microeletrônica - e a difusão de um novo modelo gerencial e organizativo, impulsionam o novo padrão tecno-econômico, nele se retroalimentando (Perez, 1985).

5. CONCLUSÕES

A globalização da economia se expressa na internacionalização crescente das manufaturas. Este processo é liderado pelos produtos eletrônicos. Desde os anos 70 as manufaturas vêm impulsionando o comércio mundial, especialmente as manufaturas ligadas ao manejo da informação. Entrementes, outros grupos retrocedem ou estacam, a exemplo de produtos agrícolas e minerais.

A composição setorial do comércio mundial se alterou nas últimas duas décadas. A implantação paulatina de um novo paradigma tecno-econômico repercute na hierarquia relativa dos produtos e das nações. Em particular, provoca o declínio estrutural nas indústrias de base - vinculadas a energia, siderurgia, química e metal-mecânica - e um forte retrocesso na demanda de produtos primários. Isto se reflete na estrutura setorial do comércio mundial: a participação da siderurgia, os não-ferrosos e a indústria mecânica declinam, a de agroalimentos despensa e a eletrônica registra um crescimento sustentado.

Outra conclusão é que as vantagens nos custos salariais e de recursos naturais são cada vez menos importantes na capacidade estratégica de especialização internacional. Nos produtos de maior dinamismo comercial, os salários não explicam mais de 15% do custo total e os produtos líderes estão ligados cada vez menos com os custos salariais e cada vez mais com a produtividade e o progresso técnico.

6. BIBLIOGRAFIA

- Bersten, F., "The world economy after the cold war", *Foreign Affairs*, 1990
- Clepi, El desafio de la incertidumbre. Informe latinoamericano sobre la economía mundial, 1988 - 1989. Nueva Sociedad. Caracas, 1988.
- Clepi, Informe latinoamericano sobre la economía mundial, 1989 - 1990, Nueva Sociedad, Caracas.
- Dahlman, C., "The third industrial revolution: trends and implications for developing countries", Seminário A Nova Ordem Internacional, Fórum Nacional. Rio de Janeiro, abril 1992.
- Drucker, P., "La cambiada economía mundial", Investigación Económica. Facultad de Economía, UNAM, num. 180. Mexico, 1987.
- Emmerij, L., "Las transformaciones de la economía mundial y el financiamiento del desarrollo latinoamericano", Comercio Exterior, vol. 42, num. 10. Ciudad de Mexico, oct. 1992.
- Furtado, C., "La naturaleza del centro cíclico principal", Revista de Cepal, num. 42. Santiago de Chile, dic. 1990.
- Fuji, G. & Levy, N., "Composición de las exportaciones de Brasil, Corea, España y Mexico", Comercio Exterior, sep. 1993.

- Gaytán, A., "La globalización hacia un nuevo tipo de hegemonía", Comercio Exterior, vol. 42, num. 12. Ciudad de Mexico, dic. 1992.
- Gatt, International Trade 87 - 88, Genebra, 1988.
- Ibafin, "El reto de la globalización para la industria mexicana". Editorial Diana. Mexico, 1989.
- Lafay, G., "Remarques sur la compétitivité de longue période", *Economie et Stratégie*, núm. 102, Paris, 1978.
- Lafay, G., "Avantage Comparatif et compétitivité", *Economie Prospective Internationale*, núm. 28. 4^o trim. Paris, 1986.
- Lafay, G., et al., *Commerce International: la fin des avantages acquis*. Económica, Paris, 1989.
- Miniam, I., "Efectos estructurales de las industrias nuevas: algunos factores de importancia para los países semiindustrializados" in I. Miniam (coord.), *Industrias nuevas y estrategias de desarrollo en América Latina*, CIDE, Mexico, 1986.
- ONU, Recent Trends in Flexible Manufacturing. United Nations Publications, 1986.
- Perez, C., "Long Waves and Changes in Socioeconomic Organization", *IDS Bulletin*, vol. 16, núm. 1. Sussex, 1985.
- Rosales, O., "Competividad, productividad e inserción externa de América Latina", Comercio Exterior, vol. 40, num. 8. Mexico, ago. 1990.
- Perez, C., *Tendencias en la industria mundial: nuevos elementos de la competitividad*. Seminario Estrategia Industrial, Proyecto Fomento ONUDI, Caracas, 1988.
- Perez, C., "Technical change, competitive restructuring, and institutional reform in developing countries". Banco Mundial, Strategic Planning and Review Department. Wash., dez. 1989.

- Rosales, O., "Competividad y cambio tecnológico: una tarea de planificación". Primer Congreso Nacional de Planificación, Sochiplan. Santiago del Chile, junio 1989.
- Sagasti, F. & Arévalo, G., "América Latian en el nuevo orden mundial fracturado: perspectivas y estrategias", Comercio Exterior, vol. 42, num. 10, Ciudad de Mexico, oct. 1992.
- Sagasti, F., "National strategic planning in a fractures global order", Development - Journal of SID, num. 314, 1991.
- Sela, Implicaciones del cambio tecnológico sobre las exportaciones de materias primas de la región. Secretaría de la UNCTAD, cap. 15, janeiro-março de 1987.
- Tauille, J. R., "Novos padrões tecnológicos, competitividade industrial e bem estar social", A Nova Estratégia Industrial e Tecnológica. Fórum Nacional. José Olympo Editora. Rio de Janeiro, 1990.
- Tótoro Nieto, D. & Cortés, M., "Ha perdido vigencia la industrialización?", Comercio Exterior, vol. 41, num. 3, Ciudad de Mexico, mar. 1991.
- Velloso, J. P., "Idéias para a estratégia industrial e tecnológica", A Nova Estratégia Industrial e Tecnológica. Fórum Nacional, José Olympo Editora. Rio de Janeiro, 1990.